

---

# AS PEDRAS NO BOLSO DO FEMINISMO

As utopias são o que existe, mas  
ce. Talvez se não fosse um século de  
va. Dos "ismos" do passado sempre o  
feminismo talvez, e talvez um pouco o  
mas perturbador, o mais alegre e o ma  
trilha dos projetos de futuro. Resposta  
aos desenhos de uma época, a que  
dói mais fundo e de maneira mais se  
creta, a menos épica mas, talvez, a mais  
sentida.

De dois corpos afogados, Rosa Luxem-  
burg levava nas costas uma bala do ini-  
migo de classe. Virgínia Woolf levava nos  
bolsos um monte de pedras, por ela mes-  
mo escolhidas. Uma afundou num canal  
de Berlim, a outra num riacho do jardim  
da própria casa. Uma fazendo História  
a outra inventando vidas. Qual das duas  
morreu mais?

Rosa, que queria ser como um homem,  
deixou cartas do amor carente, dirigidas  
ao homem que ela não era. Virgínia dei-  
xou ao marido e melhor amigo um bi-  
lhete curto pedindo perdão pela sua an-  
gústia que lhes estragara a vida, vida que  
ela desistira de viver. A androginia de  
*Orlando* sobreviveu graças à literatura.  
Virgínia não.

Utopias esquecidas de hoje e de ma-  
ra, repetidas em gerações de hoje numa  
versão míope que reduziu o feminismo ao  
marido igual. Nenhum destino é mais pre-  
visível do que o de uma utopia, certa e  
segura de envelhecer desfigurada. E, no  
entanto, pensando bem, o feminismo é  
jovem. Ou se não é jovem, como sabem  
os historiadores das revoluções sociais e  
os amantes da literatura inglesa, teve  
uma crise de adolescência nos anos 70.  
É o desfecho dessa crise que está preo-  
cupando as mulheres que a viveram e  
aqueles que sofreram suas consequên-  
cias: maridos, amantes, companheiros,  
amigos e patrões.

Hoje pairam dúvidas sobre um futuro  
possível para o movimento feminista que,  
ele mesmo, se confessa em plena perple-  
xidade. Mas a perplexidade face ao des-  
caminho de um movimento feito para  
encarar a sociedade se revela, antes de  
mais nada, no acareamento das mulheres  
consigo mesmas.

No movimento feminista se fala muito  
em cansaço. Há quem olhe o retrato da  
avó pendurado na parede com uma certa  
nostalgia do tempo em que tudo era cla-

---

Rosiska Darcy  
de Oliveira

ro: trajetórias de vida, sonhos e projetos. Do tempo em que o lugar social, psíquico, afetivo dos homens e das mulheres era nitidamente demarcado. E, no entanto, foram as próprias mulheres que repudiaram a herança cultural feminista, os papéis sociais estereotipados, e saíram às ruas gritando por igualdade. Todas aquelas que o fizeram não suspeitavam até que ponto estavam engatilhando uma armadilha para si próprias. A esperança viva da igualdade como um objetivo alcançável, a certeza de que um leque cada vez maior de oportunidades se abria para as mulheres, começam agora a duvidar de si mesmas.

Esses últimos dez anos foram os anos heróicos da geração exemplo, que não deixou escapar nada, teve acesso ao estudo, ao trabalho assalariado, à representação social e política. Geração que superpôs todas essas conquistas à espessa e ancestral camada de tarefas e responsabilidades do mundo feminino. Janus com uma face voltada para casa e outra voltada para a rua, as mulheres fazendo um esforço de androginia capaz de garantir a continuação de uma diferença homem/mulher que mantém viva a atração magnética. Esforço de sobrevivência no tempo de ruptura de um código cultural milenar. Essa ruptura teve um preço que as mulheres estão pagando, agora, sozinhas.

A separação entre o mundo dos homens e o mundo das mulheres, compreendidos como fazer, saber, espaço geográfico e existencial, é dos mais nítidos temas recorrentes na história das sociedades. Para o menino, ser reconhecido como adulto é muito mais do que atravessar uma fronteira de idade. Os ritos de iniciação são a confirmação da maturidade mas são também a cerimônia de adeus ao mundo das mulheres. Tornar-se homem é voltar as costas ao mundo feminino em que se viveu na infância para entrar, pelo conhecimento do mistério, no mundo adulto que é monopólio dos homens. Abandonar as mulheres e a infância ao mesmo tempo, mulheres e infância ficando assim confundidas num magma confinado nos territórios do feminino.

É certamente uma reminiscência inconsciente desta tradição que faz com que, ainda hoje, uma corrente majoritária da psicologia americana defina o ser adulto com todos os atributos do mundo masculino (autonomia, agressividade, racionalidade etc.) e a mulher normal com

os atributos do mundo infantil (dependência, emotividade, inconstância etc). O que deixa a equação seguinte: ou bem se é mulher ou bem se é adulto. A mulher adulta é um paradoxo.

Essa separação tão antiga, essa convivência compartimentada do arco e do cesto em que cada mundo guardava sua identidade própria, sua vivência e simbolismo, rompeu-se de maneira assimétrica. Industrialização e urbanização transformaram donas-de-casa não apenas em professoras e enfermeiras, mas também em metalúrgicas, advogadas e executivas. Cinderela de terno e gravata ou Gata Borralheira de macacão azul, em nome do moderno e da igualdade.

Que essa promessa de igualdade tenha se transformado em apenas semelhança, ou melhor caricatura, não é de admirar. Porque ela já nasceu torta, desfocada e foi em cima de um mal-entendido que se construiu uma estratégia política de assimilação.

Contrariando as leis da psicologia social segundo a qual nenhum papel pode ser representado em solo, que insiste na interação dos papéis sociais — um dependente do outro — que prevê que, se um papel muda, muda o outro que depende dele para se definir, contrariando tudo isso, o papel feminino mudou sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado.

As mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando o lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público, carregando consigo, escondidas, as raízes no espaço privado. Concorrência desleal para elas, mas assumida pelas mulheres com coragem. Tentaram compatibilizar como puderam dois estilos de vida, dois registros intelectuais e afetivos, dois padrões de conduta cotidianos. Procuravam assim corresponder ao novo perfil de mulher que emergia da agonia de um paradigma.

Definidas de fora para dentro, aceitaram o paradoxo do universal e do particular colocado por uma sociedade que as universaliza enquanto produtoras e as particulariza enquanto mulheres. A mensagem é dupla e contraditória: para ser respeitada seja universal (pense, aja e trabalhe como um homem); mas, para ser amada, continue sendo mulher. Seja homem e seja mulher.

E foi assim que o sonho da igualdade deslizou para a desigualdade e tropeçou no impossível. Porque um homem é só um homem e é ele o padrão face ao qual

---

a mulher deve ser a Igual e a Outra. Mas ninguém pode ser igual e outro.

O ser ambíguo, a literatura psicanalítica informa sobre esse conceito, não se percebe como tal. Faz ou tenta fazer coexistir em si mesmo forças conflitivas, desejos que se anulam ou que se superpõem sem integração possível. Ele se desloca de um desejo a outro, de uma existência a outra, de uma personalidade a outra, num esforço desesperado de não perder nada, de ser tudo ao mesmo tempo. O ser ambíguo é aquele que não admite a perda, incapaz de luto por um desejo.

As feministas têm vivido mergulhadas em plena ambigüidade, fazendo coexistir em si mesmas as contradições impostas de fora. Respondem às escolhas impossíveis pela não escolha e esgotam no exercício da ambigüidade a energia pessoal. Daí o cansaço, a perplexidade, a angústia e a frustração.

O estado de depressão do movimento feminista coincide, a meu ver, com o princípio de uma reação lúcida à situação de ambigüidade, com a tomada de consciência de um projeto impossível porque mal formulado.

Transformar o estatuto das mulheres não pode ser uma mudança que se opera só nelas e graças a elas pela acumulação de funções sociais como tentaram fazer até agora. Onde muitos estão vendo o esgotamento e o refluxo do feminismo, eu vejo não o fim do movimento mas o da situação de ambigüidade e a emergência de propostas para sua superação.

As mulheres começam a ver mais claro, mas ver mais claro não significa necessariamente ver mais simples ou mais alegre. Estamos diante de novas perguntas.

O pensamento reacionário tem as respostas na ponta da língua. Foram elas mesmas que quiseram a igualdade. Se não agüentam o tranco, que voltem para casa. Para nós a saída está no repensar o conceito de igualdade. O que equivale, a meu ver, a exteriorizar a angústia que cada uma carrega como uma culpa coletiva, colocá-la fora de nós, transpô-la para a sociedade como um todo. O futuro do movimento das mulheres é angustiar a sociedade, colocando-lhe os problemas que, até agora, elas tentaram resolver sozinhas.

De duas, uma: ou as mulheres se demitem do lado feminino da vida, renunciando a uma parte essencial de si mesmas como o preço de uma integração em pé de igualdade com os homens, ou pro-

põem e vivenciam uma prática conflitual visando negociar com os homens os termos de uma ocupação por parte de ambos do espaço público e do privado.

A primeira opção abre uma discussão complexa sobre o destino da vida privada e da relação do Estado com a intimidade dos indivíduos. O afastamento progressivo das mulheres da prestação do que alguns chamam "os serviços humanos" (a responsabilidade sobre os filhos e sobre os velhos) implicaria no desenvolvimento de uma rede de instituições indo desde as creches até os asilos de velhos capaz de se ocupar dos "não produtivos". Essa solução já bastante utilizada em países capitalistas avançados tem sido criticada pelas próprias mulheres dos países nórdicos, por exemplo, que vêem nessa evolução o perigo de uma crescente institucionalização das relações humanas mais íntimas e mais fundamentais, codificadas no anonimato do Estado ou da grande empresa industrial.

Quem se habituou a ver no feminismo um esforço das mulheres para escapar às limitações da vida doméstica certamente estranha essa súbita revalorização do espaço privado. Na verdade, não se trata de valorizar um feminino poetizado e alimentado de estereótipos, mas de redefini-lo no bojo de uma prática conflitual enraizada nessa vida cotidiana rasgada em dois, memória e projetos.

Se o feminino sempre foi definido como o contrário ou avesso do masculino, hoje essa definição não dá conta da existência dividida, da experiência múltipla, do habitar de lógicas que se contradizem. Trata-se de procurar uma nova formulação da igualdade. Esta não se resumiria mais no acesso das mulheres ao mundo dos homens sob forma caricatural mas compreenderia uma exigência de contrapartida, o acesso dos homens aos territórios do feminino.

As primeiras concretizações desta tendência se manifestam nas reivindicações da possibilidade de um trabalho a tempo parcial para homens e mulheres, no direito à "licença paternidade", de modo a possibilitar ao pai a co-participação nos primeiros meses de vida dos filhos.

Essa plasticidade e interpenetração dos papéis sociais com redistribuição do tempo e ocupação diversificada dos espaços de vida não cai do céu. Sua transformação em projeto social viável exige o enfrentamento de uma infinidade de problemas de ordem política, econômica e mesmo psicológica. Não se trata de igno-

rar esses obstáculos, nem de formular aqui propostas que pareceriam hoje inverossímeis. Mas sim de identificar em que o feminismo é promissor, novidade desafiadora da teoria e da prática das relações sociais. Identificar também onde e por que ele corre o risco de entrar em descaminho, se amoldando ao já vivido e pervertendo tudo o que tem de mais inovador.

Se as mulheres que estão ocupando os lugares mais diversos no mundo dos homens recusarem o mimetismo e afirmarem o que lhes pertence como maneira de estar no mundo e de perceber as coisas, essa experiência irá mudando-as e àqueles que com elas convivem, vivem e trabalham. Redefinir o feminino é não ter mais um passado nostálgico já repudiado, ao qual se referir, nem um modelo masculino ao qual aderir. Reconstruir o feminino é o destino do movimento das mulheres daqui para a frente.

A presença dos homens no mundo das mulheres promete uma possibilidade simétrica de reconstrução do masculino. Talvez então se poderá falar de igualdade, porque a verdadeira igualdade é a aceitação da diferença sem hierarquias. E a certeza da diferença permanecerá no corpo e nele o encontro mais fecundo.

Hoje o movimento feminista relembra cada dia o desencontro homem/mulher e o desencontro das mulheres consigo mesmas. E por isso mesmo, porque toca no que de mais ancestral, mais íntimo e mais desejado reúne as pessoas, só pode ser desvairadamente utópico.

E se Rosa Luxemburg tivesse gritado sua carência de amor fora de cartas secretas? E se Virgínia Woolf tivesse adivinhado quantas mulheres como ela iriam se debater com a angústia da inadequação a um feminino medíocre e tradicional? Essa carência e essa angústia são as pedras no bolso do feminismo. Retirá-las é preciso. Rapidamente, para que não nos façam afundar. Cuidadosamente, para não ferir ninguém. Mostrá-las sem pudor àqueles que vivem conosco, transformá-las em projeto político, quebrar silêncios.

A mais desvairada das utopias é esperar inaugurar, enfim, na História um diálogo amigo entre homem e mulher.

---

Rosiska Darcy de Oliveira é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Genebra e, no Brasil, Diretora do IDAC — Instituto de Ação Cultural.